



Iluminando Vidas

Ricardo Rangel

e a Fotografia Moçambicana

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

ILUMINANDO VIDAS

Introdução

Iluminando vidas, é o título da homenagem de Calane da Silva ao seu amigo e companheiro Ricardo Rangel, o pioneiro e decano da fotografia moçambicana contemporânea, hoje com 80 anos de idade. O termo português ‘iluminar’ pressupõe a palavra ‘Luz’, elemento essencial da fotografia. Tem dois níveis de significado: iluminar um objecto e – no sentido figurado – colocar uma situação dentro da luz, aclarando-a. Em ambos os níveis vibra um significado festivo e poético: conferir luz e brilho a um objecto, dar-lhe um ‘tom claro e cintilante’.

O título *Iluminando vidas* vai ao cerne da obra de Ricardo Rangel. Mais ainda: ele é há muito o guia da geração de fotógrafos seguinte, simultaneamente o programa e o credo da fotografia moçambicana, aqui representada por trabalhos de Ricardo Rangel e catorze fotógrafos que o rodeiam.

A fotografia moçambicana é uma reportagem fotográfica empenhada, que retrata as pessoas com respeito, colocando-as, na sua dignidade, no centro das coisas. É intuitiva e precisa no relato das várias facetas da vida e denuncia a injustiça. Abrange o período do ‘tempo colonial’ dos anos 50, a guerra pela independência e a separação de Portugal em 1975, a guerra civil, a pacificação em 1992 e o despontar de um futuro mais promissor. A sua avaliação torna-a imune à cobrança dos interesses do poder. Tornou-se a instância moral, desempenhando um papel criador de identidade no Moçambique da era pós-colonial.

Além da imprensa, existem duas instituições que são o suporte da tradição da fotografia: a Associação Moçambicana de Fotografia (AMF) e o Centro de Formação Fotográfica (CFF), a partir de 2001 com a designação de Centro de Documentação e Formação Fotográfica (CDFF). Ambas as instituições são excepcionais para o contexto africano, tendo sido criadas em Maputo alguns anos após a independência e durante o tempo da guerra civil.

A AMF surgiu em 1981 com a primeira exposição *Moçambique: A Terra e os Homens*. Um ano mais tarde a associação abriu uma galeria no centro de Maputo, que está à disposição de artistas de outros ramos e se tornou um ponto de encontro da cultura moçambicana.

O CFF foi criado em 1984 sob a direcção de Ricardo Rangel, que ainda hoje continua à sua frente. O jovem Estado dispunha nessa altura de poucas pessoas qualificadas em todos os sectores, pois com o fim do domínio colonial, os portugueses saíram precipitadamente de Moçambique. Actualmente, trabalham no CDFF aproximadamente doze pessoas. O centro dispõe de uma boa infra-estrutura com dois laboratórios e um estúdio. São transmitidos conhecimentos fotográficos sobre a comunicação visual e respectiva documentação, bem como sobre o ofício do jornalismo fotográfico. O arquivo alberga a memória visual do país.

Com *Iluminando vidas*, a fotografia moçambicana contemporânea volta a ser amplamente apresentada na Europa desde o fim da guerra civil. Desfruta, no seio da fotografia africana, desde há muito, de uma fama notável no género *images du réel*, e as obras de Ricardo Rangel são conhecidas em todo o mundo. A sua série

sobre prostitutas na zona do porto da capital à noite (*Pão nosso de cada noite*), dos anos 60 e 70, é o auge da sua obra. Os pontos altos do seu reconhecimento internacional foram, em 1996, a participação na exposição *In/sight: African Photographers, 1940 to the Present* no Museu Guggenheim em Nova Iorque e, em 2001, a homenagem à sua obra com a apresentação de uma exposição única nos *4èmes Rencontres de la Photographie Africaine* em Bamaco, no Mali. A geração mais nova encontra-se actualmente a caminho de se afirmar internacionalmente, para além de Moçambique e da África, começando a sair da sombra de Rangel.

A selecção dos fotógrafos em *Iluminando vidas* é representativa da fotografia moçambicana. Além das obras de Ricardo Rangel, são apresentados trabalhos de Kok Nam (nascido em 1939) e de treze fotógrafos mais novos (‘alunos’), que aprenderam o seu ofício em cursos no CFF com ‘on the job’ de Ricardo Rangel ou Kok Nam. No início da sua carreira, Kok Nam trabalhou como jornalista fotográfico sob a direcção de Rangel, tornando-se mais tarde um dos fotógrafos mais importantes do país.

Na escolha das fotografias estavam em primeiro plano a descoberta da escrita individual, da posição fotográfica e da visão do fotógrafo. Aos organizadores da exposição interessava relacionar o espaço, a luz, os objectos e as pessoas numa determinada composição com os temas tratados. As mais de cem fotografias são o resultado de um processo de escolha e de diálogo entre os organizadores e os fotógrafos. Todas as fotografias são provenientes das obras dos fotógrafos e os critérios mais importantes na selecção consistiram no facto de que estas eram representativas da obra de cada um.

O resultado é uma imagem cintilante de um colectivo. A obra de Ricardo Rangel surge sob uma nova luz, sem alguns dos seus ícones conhecidos, mas como referência surpreendente aos trabalhos dos fotógrafos mais jovens e com um olhar para o futuro.[...]

Bruno Z’Graggen

CHEFE DO PROJECTO E CURADOR

SAUDADE

A técnica do daguerreotipo chega a África apenas onze semanas após o seu autor, Jacques Daguerre, ter anunciado publicamente os resultados das suas pesquisas. Este intervalo corresponde simplesmente ao tempo de viagem dos barcos que asseguravam o transporte das mercadorias entre a Europa e as suas colónias africanas. A fotografia penetra no continente africano pela costa e pelas feitorias, antes de se difundir pelo interior, paralelamente à progressão da colonização. No Gana, há notícia de um fotógrafo africano que assistiu à chegada do emissário de Bismarck, Gustav Nachtigal. Em Freetown, na Serra Leoa, os 'crioulos', uma comunidade constituída por antigos escravos libertos, produziam daguerreotipos desde 1840, embora o documento mais antigo date apenas de 1857. A fotografia torna-se de tal modo popular na África do Sul que, a partir de 1895, este país acolheu uma das onze associações e clubes de fotografia existentes em todo o mundo. Em África, para além do que existe na Cidade do Cabo, há ainda outros dois clubes, em Oran e Constantine. A lista, em todo o continente, é longa e seria fastidioso enumerar todos os exemplos. Contudo, importa aqui estabelecer a diferença entre a chegada da fotografia e a sua aquisição pelos próprios africanos.

Salvo raras excepções, como as da Serra Leoa e da Libéria, foi necessário esperar muito tempo até que os povos colonizados tivessem acesso à invenção de Daguerre. Isto ficou a dever-se em grande medida a factores políticos ou geográficos, mais do que de ordem material. O Mali, por exemplo, que desde o advento da sua bienal pan-africana se tornou, de facto, a capital da fotografia em África, esteve, devido à sua situação geográfica, entre os territórios menos favorecidos na descoberta das novas técnicas. Mas, para além da situação geográfica de certos países, foram sobretudo as políticas postas em prática pelas diferentes administrações coloniais que se revelaram determinantes na aquisição da técnica fotográfica e na rapidez desse processo nos diferentes países.

Com efeito, quando a França ou Portugal instauraram o 'Indigenato', que oficializava o princípio da existência de duas classes de humanidade desiguais, a Grã-Bretanha aplicou a *Indirect Rule*. Esta medida visava formar um conjunto de técnicos locais com o intuito de criar um grupo de indivíduos que pudessem dar assistência aos quadros da administração colonial britânica. Permitiu, assim, a um sector da população familiarizar-se com profissões a que o seu estatuto não lhes teria dado acesso noutras regiões de África. Graças à sua situação geográfica, Moçambique foi sem dúvida uma das primeiras regiões onde a invenção de Daguerre chegou, seguindo o exemplo do Senegal, do Gana e da África do Sul. Mas se, no Senegal, a fotografia de estúdio constituiu, até ao fim dos anos sessenta, uma grande parte da produção do país, parece exagerado sugerir que esta situação de longa duração tenha sido o resultado de uma dada inclinação estética. Com maior probabilidade, foram as condições em que as imagens eram produzidas que determinaram os seus temas. Não podemos, pois, afirmar que uma parte de África tenha sido atraída pelo retrato, enquanto a outra estava unicamente orientada para o documentário e a reportagem.

As regiões da África austral distinguiram-se durante muito

tempo por um sistema político decididamente racista. Não quer isto dizer que noutras regiões não existisse uma separação marcada entre as populações 'indígenas' e os colonos, mas o regime de *apartheid* praticado oficialmente na Namíbia, na Rodésia e na África do Sul desempenhou certamente um papel determinante no modo como a fotografia se desenvolveu nestes países. Na segunda metade do século XIX, os clubes na África do Sul eram em tudo semelhantes aos europeus. Os Negros, contudo, tiveram de desenvolver um estilo de fotografia comunitário, uma espécie de fotografia de estúdio cuja evolução, a avaliar pelas imagens recolhidas pelo fotógrafo Santu Mofokeng durante a sua pesquisa, não difere da que se verificou na África francófona até ao final dos anos sessenta. A fotografia em África começou a passar por mudanças fundamentais nos anos cinquenta, mas estas foram consequência sobretudo dos efeitos das guerras de libertação, que se intensificaram durante a década seguinte, com os movimentos de independência a emergirem na maioria dos países africanos. Tornou-se então uma ferramenta de comunicação exterior e uma arma; aqueles que a possuíam pagaram frequentemente um preço elevado pelo seu empenhamento. É certo que Portugal não praticava um *apartheid* declarado, mas a dinâmica fundamental que levou à definição das tendências na fotografia foi semelhante à que se processou na África do Sul. E apesar de o grau de violência ser diferente e de a fotografia em Moçambique continuar marcada por um humanismo e uma doçura que se opõem à violência e à crueza dominantes nas imagens sul-africanas dos anos de luta, encontra-se a mesma denúncia, a mesma necessidade de dar testemunho da sua época e ser porta-voz dos excluídos.

O desenvolvimento político de Moçambique, à imagem do de outros países da região austral, foi no sentido contrário ao que se observou, por exemplo, na África ocidental e central. Só no início dos anos cinquenta Portugal decidiu tornar Moçambique uma colónia de povoamento, num período em que, por toda a África, corriam rumores de descolonização. Alguns anos mais tarde, a Argélia revoltou-se e, depois, o Gana conquistou a independência, seguido pela maior parte dos outros países. Numa época em que havia um desejo crescente de emancipação e de liberdade, o 'Indigenato', que era norma na África colonizada, relegava as populações autóctones para um estatuto de cidadãos de terceira ordem, um grau de humanidade que não estava longe dos tempos de escravatura. Só em 1961 o 'Indigenato' foi abolido em Moçambique. Isso não significou, porém, que as autoridades coloniais estavam em vias de abrir o país a todos os seus habitantes e tratá-los de forma equitativa. Não. Apesar da supressão tardia do 'Indigenato', subsistia uma forma velada de *apartheid*. Foi, sem dúvida, por causa desta situação, cada vez mais anacrónica, que, em 1962, Eduardo Mondlane fundou a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Em 1964 teria início a luta armada pela independência.

Em 1964, Ricardo Rangel e Kok Nam trabalhavam para o *Diário de Moçambique* na Beira, a segunda maior cidade do país - o primeiro na própria Beira, o último como correspondente em Lourenço Marques. Estes dois fotógrafos podem ser considerados hoje os pioneiros da fotografia moderna em Moçambique. Em 1952, o mais velho, Ricardo Rangel, mestiço de origem grega,

africana e chinesa, foi o primeiro foto-repórter não branco a trabalhar para a imprensa moçambicana, enquanto que Kok Nam, de origem chinesa, trabalhou inicialmente num laboratório. Deve, contudo, ser sublinhado que ambos beneficiaram do seu estatuto relativamente privilegiado de mestiços ou de não-negros. Porém, os auspícios sob os quais eles entraram no mundo do foto-jornalismo foram muito influenciados pelo ambiente político e prepararam o terreno para as gerações vindouras. A partir de 1964 e do início da guerra da independência, o trabalho do fotógrafo, até então um simples observador político, cujo papel se limitava à participação num debate ideológico e político sobre a igualdade e os direitos humanos, tornou-se uma ferramenta da revolução que estava para vir. O inimigo é claramente identificado e o campo onde os fotógrafos não portugueses iriam lutar estava claramente definido, como testemunha a exposição de Kok Nam em 1987 sobre as Forças Armadas Moçambicanas.

A partir de 1979 a situação tornou-se mais complexa. Em 1975 era declarada a independência de Moçambique, e Samora Machel, líder da FRELIMO desde 1970, após o assassinato em 1969 de Eduardo Mondlane, o pai da revolução, tornara-se Presidente da República. Foi instaurada uma 'democracia popular'. A novíssima nação, cuja luta foi apoiada pelo grande irmão soviético, assina com a URSS, em 1977, um tratado de amizade e cooperação que perdurará vinte anos. Os Estados vizinhos de Moçambique, nomeadamente a África do Sul, preocupados com as eventuais consequências desta evolução no seu próprio regime, apoiaram a contra-revolução anti-comunista, dirigida pela Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), fundada em 1976. A guerra civil iria dar uma importância acrescida à fotografia e aos fotógrafos.

Com efeito, se a guerra da independência foi uma guerra de libertação na qual era fácil para os moçambicanos mobilizarem-se, a guerra civil dividiu este mesmo povo. Diferentes ideologias estavam em jogo, e era importante para cada partido convencer a opinião pública e os indecisos, e passar a mensagem para o mundo exterior. É por isto, sem dúvida, que Samora Machel apoia a criação, em 1981, da Associação Moçambicana de Fotografia (AMF), e em 1983, com o apoio da cooperação italiana, do Centro de Formação Fotográfica (CFF), do qual Ricardo Rangel seria o primeiro e único director. A primeira vez que fui a Moçambique, no dia seguinte à minha chegada a Maputo, três homens armados entraram num restaurante e mataram três pessoas para roubar oito milhões de meticais (cerca de 2400 euros). O cessar-fogo assinado dez anos antes não tinha resolvido nada. O país continuava repleto de campos de minas; hordas de 'deslocados' erravam pelos campos. Os combatentes da liberdade, entregues a si próprios, sem trabalho nem futuro, ainda tinham armas, que se recusavam a entregar. Tropas de especialistas, de toda a espécie, da ONU sulcavam o país como se tivessem acabado de o conquistar. Faz pensar no Zimbábue de hoje. O país não tinha ainda acabado de curar as suas feridas. Foi este o país que os jovens fotógrafos de moçambicanos herdaram, mas também a paixão para o amar, para curar as suas feridas e transmitir ao mundo a sua trágica beleza. Quer vivam no estrangeiro, como Luís Basto, quer lá tenham vivido durante muito tempo, como Sérgio Santimano, todos eles partilham a mesma visão humanista. Uma visão herdada de Ricardo Rangel,

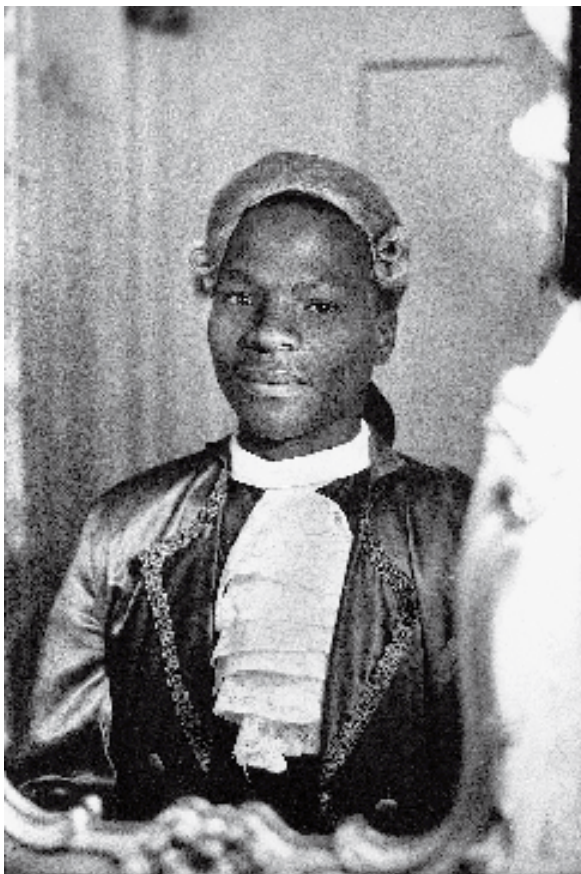
o qual, directa ou indirectamente, foi um mestre para todos eles e ensinou-lhes a importância de uma interpretação com pudor e respeito pelo semelhante, como se o tema da fotografia, fosse uma maneira de criar incessantemente um auto-retrato. Sem esquecer o amor, como se, de repente, já não se pudesse ser fotógrafo sem amar.

Uma grande parte desta nova geração, nascida nos anos sessenta, viveu durante os tempos conturbados do seu país e transporta-os como uma memória inalienável. É esta memória impressa na sua retina e na sua consciência, numa altura em que as crianças de outros países brincavam longe do som das espingardas e dos canhões, que torna o seu trabalho particularmente tocante. Não vou citar todos os fotógrafos presentes nem pedir que me desculpem por isso. Eles sabem que se poderia dizer a mesma coisa que aqui escrevo acerca dos seus irmãos. Percorrendo as suas imagens, por exemplo as de Joel Chizane, Alfredo Paco, Naíta Ussene, José Cabral e as do meu irmão Rui Assubuji, fica-se imbuído daquela emoção especial a que os brasileiros, esse povo que também sofreu sob o domínio de Portugal, chamam 'saudade'. A saudade não é um sentimento de fatalidade nem uma nostalgia piegas. É uma forma de viver. Uma forma de amar. Uma forma de fotografar.

Simon Njami



Ricardo Rangel. *Formas, Beira*, 1965



Ricardo Rangel. *Contexto Paradoxal, porteiro no cabaré Moulin Rouge, Beira*, 1965



Ricardo Rangel. *Série Pão Nosso de cada noite, Lourenço Marques*, 1960/70



Kok Nam. Sem Título, Gorongosa, Província de Sofala, 1982



Kok Nam. Sem Título, Sitatonga, Província de Manica, 1989



Kok Nam. Sem Título, Garáua, Província Manica, 1987



Joel Chiziane. *Sem Título*, Gorongosa, Província de Sofala, 1982



Joel Chiziane. *Sem Título*, Gorongosa, Província de Sofala, 1982



Luis Basto. *Uma Criança Sonha com África, Zanzibar, 1998*



Albino Mahumana. *Acrobacias na Vizinhaça, Xipamanine, Maputo, 1998*



Ferhat Vali Momat. *Sem Título, Provincia de Gaza, Maio de 1992*



Alfredo Paco. *A Iniciação, Província de Nampula, 1983*



Sergio Santimano. *A Escola da Vida, Ilha de Ibo, 1997*



Martinho Fernando. *Mensagem em Pedra, Maputo, 1987*



Alfredo Mueche. *Crianças da Rua, Maputo, Agosto de 1997*



José Cabral. *Sem Título, Maputo, 1994*



Alexandre Fénias. *O Pescador, Praia Nova, Beira, 1998*



Naita Ussene. *Sem Título*, Província de Nampula, 2000



João Costa (Funcho). *Queremos a Independência (Textura Humana II)*, Lourenço Marques, 1974

RICARDO RANGEL

Nasceu em Maputo (Lourenço Marques), em 1924. Vive e trabalha em Maputo, Moçambique.

Da série 'Pão nosso de cada noite'
Lourenço Marques, 1960-1970
Prova de halogenetos de prata • 40 x 50 cm

Da série 'Pão nosso de cada noite'
Lourenço Marques, 1960-1970
Prova de halogenetos de prata
6 x (20 x 30 cm)

Sanitários. Onde o negro só podia ser servente e só o branco era homem
Lourenço Marques, 1957
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Contexto paradoxal , porteiro do cabaré 'Moulin Rouge'
Beira, 1965
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Xipamanine 'Blues'
Lourenço Marques, 1960
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Tão perto e no entanto tão longe
Lourenço Marques, Natal de 1962
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Cena de cidade IV
Lourenço Marques, 1961
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Cãozinho de luxo passeando o 'boy'
Lourenço Marques, 1962
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Cena de cidade III
Lourenço Marques, 1961
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Ligação Moçambique-Suazilândia
Goba, *Província de Maputo*, 1962
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Betão
Goba, *Província de Maputo*, 1962
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Pausa do estivador
Lourenço Marques, 1958
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

O drama da água
Matola, *Província de Maputo*, 1962
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Moamba, *Província de Maputo*, 1962
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Domingo no recinto do porto
Lourenço Marques, 1959
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Vultos
Beira, 1965
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

O reformado
Lourenço Marques, 1961
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Família de pescador Goês
Catembe, 1972
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Cumbe, o pescador, 250 quilos
Marracuene, *Província de Maputo*, 1973
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Poveiro, pescador português de alto mar
Lourenço Marques, 1959
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Estúdio no 'Boulevard'
Lourenço Marques, 1962
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

KOK NAM

Nasceu em Maputo (Lourenço Marques), em 1939. Vive e trabalha em Maputo, Moçambique.

Sem título
Rio Revué, *Província de Manica*, 1981
Prova de halogenetos de prata • 40 x 50 cm

Sem título
Rio Revué, *Província de Manica*, 1981
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Sitatonga, *Província de Manica*, 1981
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Namuno, *Província de Cabo Delgado*, 1987
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Limpopo, *Província de Gaza*, 1980
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Sitatonga, *Província de Manica*, 1981
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Chicococha, *Província de Gaza*, 1985
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Nhandjele, *Província de Manica*, 1985
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Limpopo, *Província de Gaza*, 1980
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Gorongosa, *Província de Sofala*, 1982
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Gorongosa, *Província de Sofala*, 1989
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Gorongosa, *Província de Sofala*, 1981
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Sitatonga, *Província de Manica*, 1981
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Sitatonga, *Província de Manica*, 1989
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Revué, *Província de Sofala*, 1983
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Revué, *Província de Sofala*, 1983
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Garáguá, *Província de Manica*, 1987
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Sem título
Distrito de Ile, *Província da Zambézia*, 1989
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

JOÃO COSTA (FUNCHO)

Nasceu em Viana do Castelo, Portugal, em 1951. Foi para Moçambique com os pais com um ano de idade. Vive e trabalha em Maputo, Moçambique.

Viva Samora Machel (Textura Humana I)
Maputo, 1976
Prova de halogenetos de prata • 40 x 50 cm

O mais velho, 106 anos de idade
Moamba, *Província de Maputo*, 1972
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Mulher Makonde
Mueda, *Província de Cabo Delgado*, 1976
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Mulheres Makondes
Mueda, *Província de Cabo Delgado*, 1976
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Manifestação
Lourenço Marques, 1974
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Viva Samora Machel (Textura Humana I)
Maputo, 1976
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Queremos independência (Textura Humana II)
Lourenço Marques, 1974
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

JOEL CHIZIANE

Nasceu em Manjacaze (Província de Gaza - Sul de Moçambique), em 1964. Vive e trabalha em Maputo, Moçambique.

Colheita de abóboras após o fim da guerra
Namialo, *Província de Nampula*, 1993
Prova de halogenetos de prata • 40 x 50 cm

Colheita de abóboras após o fim da guerra
Namialo, *Província de Nampula*, 1993
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Vítimas de uma fome que matou mais de 5000 pessoas
Memba, *Província de Nampula*, 1989
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Ataque a um comboio de passageiros
Movene, *Província de Maputo*, 1990
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Consequências de uma batalha I
Nicoadala, *Província da Zambézia*, 1987
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Consequências de uma batalha II
Manjacaze, *Província de Gaza*, 1988
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Vida em tempo de guerra
Nacala, *Província de Nampula*, 1990
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Desastre de comboio
Manjacaze, *Província de Nampula*, 1989
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

RUI ASSUBUJI

Nasceu na Ilha de Ibo (Arquipélago de Querimbas, Cabo Delgado), Moçambique, em 1964. Vive, trabalha e estuda em Maputo, Moçambique.

Xipamanine
Maputo, *série I - V*, Maio de 2001
Prova de halogenetos de prata • 40 x 50 cm

Xipamanine
Maputo *Séries I-V*, Maio de 2001
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

ALFREDO PACO

Nasceu em Maputo (Lourenço Marques), em 1961. Vive e trabalha em Maputo, Moçambique.

A iniciação
Meconta, *Província de Nampula*, 1983
Prova de halogenetos de prata • 40 x 50 cm

A iniciação
Meconta, *Província de Nampula*, 1983
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

A luta contra o subdesenvolvimento
Unango, *Província de Niassa*, 1981
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

O ABC da aprendizagem à distância
Ilha de Josina Machel, próximo de Manhiça, *Província de Maputo*, 1986
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Todos os dias, após o trabalho colectivo na machamba, as pessoas reúnem-se para aprender a ler e a escrever
Ilha de Josina Machel, próximo de Manhiça, *Província de Maputo*, 1986
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Os adultos aprendem a ler e a escrever
Província de Nampula, 1983
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

LUÍS BASTO

Nasceu em Maputo (Lourenço Marques), em 1969. Vive entre Harare, Zimbábue, e Maputo, Moçambique.

Uma criança sonha com África
Zanzibar, 1998
Prova de halogenetos de prata • 40 x 50 cm

Uma criança sonha com África
Zanzibar, 1998
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Linha directa HIV/SIDA
Maputo, 2001
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Transportes públicos
Maputo, 2001
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Chapa
Nampula, 1998
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

Bito
Maputo, 1998
Prova de halogenetos de prata • 20 x 30 cm

9 Out - 12 Dez '04

Culturgest Porto

Galeria aberta de segunda a sábado das 10h às 18h; às quintas das 13h às 18h (última admissão às 17h45) • Encerrada aos domingos.
Edifício Caixa Geral de Depósitos, Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto • Informações 22 2098116 • culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

13

Exposição

Comissário Bruno Zraggen

Coordenação de Produção Paula Tavares dos Santos

Coordenação de Montagem Susana Sameiro

Montagem da Exposição Catarina Portunha, João Nora,
Bruno Silva, Renato Ferrão e Eduardo Matos

Jornal de Exposição

Textos Bruno Zraggen e Simon Njami *

Coordenação Editorial Rosário Sousa Machado

Design Gráfico Gráficos do Futuro

Créditos fotográficos © fotógrafos

* De *Iluminando Vidas*, © 2002 Christoph Merian Verlag
Reprodução gentilmente cedida pela editora

Iluminando Vidas

<http://www.iluminandovidas.org>

Todas as fotografias expostas podem ser encomendadas a partir dos negativos originais,
impressão em halogenetos de prata, análogas às da exposição.

Se estiver interessado, contacte, por favor, Grant Lee Neuenburg, co-curador.

Tel: 0041 1 306647 • Tlm: 0041 82887142

grupo
Caixa Geral de Depósitos

Parceiros:



PhotoforumPasquArt Biel/Bienne
Museo Cantonale d'Arte Lugano
Christoph Merian Verlag Basileia
Escola de Desenho Artístico de Basileia

Escola Cantonal de Desenho Artístico do Valais
Escola de Desenho Artístico de Berna / Biel/Bienne
MAZ Centro para a Formação Profissional em
Comunicação Social de Luzerna

Apoio:



Pro Helvetia Fundação Suíça para a Cultura
Stanley Thomas Johnson Foundation
Fundo de Lotaria do Cantão de Berna
Cidade de Biel/Bienne
Club of Mozambique Zurich

Culturgest, uma casa do mundo.